

Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista

Italo Pantani, Margarida Miranda &
Henrique Manso (coordenadores)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SAPIENZA. UNIVERSITÀ DI ROMA
SAPIENZA. UNIVERSITY OF ROME

**AIRES BARBOSA,
PROFESSOR, PEDAGOGO, FILÓLOGO E POETA¹**

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO
Universidade de Coimbra

Se há escritor novilatino, dentro do panorama geral do humanismo literário renascentista português, que tenha deixado na sua produção escrita um signo eminentemente didático e pedagógico, é, talvez como ninguém, o aveirense Aires Barbosa, que repartiu a sua vida pelo último quartel do século XV e a primeira metade do séc. XVI e que é, sem dúvida, o primeiro dos grandes humanistas portugueses.

Mas quem era Aires Barbosa, de seu nome completo Aires Figueiredo Barbosa?

Ao contrário de muitas outras figuras de topo da cultura lusíada que não cuidaram de informar os seus eventuais futuros leitores acerca das suas próprias origens, provocando, não raro, com isso muito derramar de tinta e acirrados ciúmes de rivalidade bairrista, Aires Barbosa deixou esse problema resolvido, libertando-nos a todos dessas porventura ociosas curiosidades, conforme ele avança quando escreve com certa ironia, à cabeça do seu tratado de Prosódia, o seguinte epigrama:

DE PATRIA SUA ET PARENTIBVS

*Scire uolet patriamque nomenque parentum,
Has quisquis nugas gaudet habere meas.
Nec diues multum, nec paupertate notandus,
A notis quondam sed tamen ortus auis,
Fernandus Barbosa pater, Catharinaque mater,
A notis etiam, quae Figuereta, uenit,
Me genuere, furit uastis qua fluctibus ingens
Ultimus occidui litoris Oceanus.
Quaque habet Aueiro portu praediues amoeno,
Quicquid habet tellus et mare quicquid habet.
Non procul auriferi nostram hanc Duriique Tagique
Hinc illinc mediam ripa beata tenet.*

(vd. *Prosodia ... Orthographia*, Epigr. [34])

¹ Publicado, na sua primeira forma, nas *Actas do I Congresso Internacional "Humanismo Novilatino e Pedagogia (Gramáticas, Criações Maiores e Teatro)"*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1999, pp. 131-148, e em *Humanismo em Portugal. Estudos I*, Lisboa, INCM, 2006, pp. 97-114; e agora revisto, atualizado e corrigido em função de novos dados entretanto conhecidos.

ACERCA DA SUA TERRA NATAL E DE SEUS PAIS

Quem quer que tenha gosto em conhecer estas minhas bagatelas
há de querer saber da minha terra natal e do nome de meus pais.
Deram-me a vida meu pai Fernando Barbosa, nem muito rico
nem infamado de pobreza, mas oriundo
de famosos antepassados; e minha mãe Catarina Figueiredo,
também ela proveniente de uma renomada família.
Deles nasci, lá por onde, em gigantescas ondas, se enfurece
o extremo Oceano da praia ocidental,
e por onde Aveiro, opulento pelo seu porto ameno, tudo retém
quanto a terra tem e tudo quanto o mar contém.
Não longe, de um lado a fértil riba do Douro, do outro a do Tejo,
de auríferas águas, delimitam esta nossa que no meio fica.

Nascido por volta de 1475, propriamente em Esgueira, hoje simples freguesia anexa à cidade de Aveiro mas nessa época uma notável vila que chegou a sede de comarca ainda no tempo de Barbosa,² foi aqui que ele viveu e teve a sua primeira formação humanística até à volta dos 14 anos.

Depois frequentou a Universidade de Florença, onde conquistou o título de mestre de Artes e onde teve o privilégio de contar com mestres consagrados, como Ângelo Policiano, e com famosos condiscípulos como o futuro papa Leão X, da família dos Medici, conforme, anos mais tarde, ele mesmo recorda num dos epigramas de defesa frente aos seus adversários filobárbaros do meio universitário salmantino.

Regressado da Itália com cerca de vinte anos de idade e uma sólida formação académica, logo passou, a convite da Universidade de Salamanca, a fazer parte do corpo docente desta Escola e aí exerceu, a partir de 1495, um magistério que havia de perdurar por vinte e oito anos, dedicado ao ensino da língua latina e da grega (cujo estudo Barbosa inaugurou em toda a Península Ibérica), e na função de titular da cadeira de Retórica. Jubilado em 1523, regressa definitivamente a Portugal e, a instâncias de D. João III, assume, na corte portuguesa, o encargo de mestre dos irmãos do monarca até 1530, ano em que finalmente se recolhe à sua terra natal de Esgueira, para aqui passar os seus derradeiros 10 anos de vida. A sua morte ocorreu em 20 de janeiro de 1540.

² Esgueira foi elevada a sede de comarca por D. João III, em 20 de Dezembro de 1533, justamente quando Aires Barbosa aí passava o retiro de sua jubilação e aposentadoria definitiva. O âmbito geográfico e administrativo desta sede judicial, com 31 vilas, 10 concelhos e um couto, desde Ovar, Vila da Feira e Vale de Cambra ao norte, Sever do Vouga e Castanheira a nascente, e Vagos, Vilarinho do Bairro e Avelãs de Cima a sul, correspondia aproximadamente ao que é hoje o distrito de Aveiro.

Em todo o tempo de professor, quer no ativo, quer jubilado, e mesmo no *otium* dos últimos anos, Aires Barbosa procurou sempre associar a sua qualidade de mestre profissional à de escritor-pedagogo. Durante o professorado salmantino publicou parte dos próprios cursos aí ministrados, a par com produções de caráter poético; e no tempo da jubilação compôs e editou, em 1536, o famoso poema *Antimoria* juntamente com uma coleção de 50 epigramas, fruto da inspiração das horas de lazer.

A sua primeira obra, saída em Salamanca em 13 de junho de 1511, ostenta um título que transcreve as palavras de um passo de Quintiliano, *In verba M. Fabii. Quid? quod & reliqua. Relectio de verbis obliquis*, e que podemos traduzir desta maneira: Contra as Palavras de Marco Fábio *Quid? quod etc.* Releção³ acerca dos Verbos Oblíquos.

No próêmio deste livro Barbosa recorda que, um dia em que comentava Horácio numa lição do curso de 1510-1511 e expunha as particularidades sintáticas dos verbos impessoais do tipo *licet*, *piget* e outros, se viu verdadeiramente assediado, no fim da aula, pelos estudantes que a ele recorriam para as explicações e resolução de dúvidas, como era prática regulamentar em Salamanca. Desta vez o grupo era dos que não tinham ficado inteiramente convencidos das teorias do mestre e que, usando de um discurso lábil e um jeito tergiversante (*uerbis lapsantibus et tergiuersanti ratione*), punham em causa aquelas teorias. Este incidente foi motivo para que, no intuito pedagógico de clarificar este assunto e banir o erro da mente dos seus jovens alunos, Aires Barbosa redigisse e publicasse a referida “Releção acerca dos Verbos Olíquos”.

Trata-se, pois, de um texto que expõe por escrito matéria dada no curso de 1510-1511 sobre a definição e conseqüente existência, ou não, de verbos impessoais, assunto polémico entre os gramáticos desde a Antiguidade. Barbosa começa por apresentar a argumentação dos que negam a sua existência, mencionando Quintiliano e o nome de outros gramáticos como Diomedes, o mauritano Prisciano de Cesareia e Apolónio, o Díscolo (“O Misanthropo”); disserta sobre a noção de impessoalidade verbal, rejeita certas definições e propõe outras, insiste na distinção entre verbos pessoais e impessoais, entre verbos retos e verbos oblíquos, fala sobre o conceito de “pessoa” na linguagem teológica da trindade divina, no âmbito filosófico da pessoa humana, sobre a noção de pessoa física e de pessoa jurídica, para as distiguir da noção da pessoa gramatical, aplicada à designação de verbo pessoal e verbo impessoal. Termina dirigindo-se aos jovens da sua Universidade e oferecendo-lhes este estudo como exemplo e demonstração das suas vigílias e como simples amostragem do muito que tem pensado sobre esta matéria.

³ Decidimos traduzir *relectio* por “releção” (em vez de “releitura”) em conformidade com outras formas da mesma raiz consagradas em português, como “preleção”.

A *Relectio de uerbis obliquis* apresenta-se, pois, como um livro de intenção claramente didática e pedagógica, demonstrada não apenas ao longo do desenvolvimento de todo o seu conteúdo, como acabamos de ver, mas também de um modo particular a partir das suas primeiras páginas, que constituem uma espécie de exórdio de singular interesse, por explicar a razão de ser deste livro, por descrever todo o vasto programa didático da atividade que Aires Barbosa se propunha realizar nos próximos anos, e, enfim, por se apresentar como uma defesa do ensino da ciência gramatical entendida no amplo sentido de estudo da língua, da cultura e da literatura clássicas, como base e instrumento de todas as outras ciências.

Em 3 de julho de 1515 Barbosa publica a *Relectio cui Titulus Epometria*, um verdadeiro compêndio de métrica latina que, pela sua utilidade prática, pela notícia que nos transmite sobre o valor concedido pelos humanistas aos aspetos do ritmo e da musicalidade da língua e, ainda, pela sua raridade bibliográfica, se apresenta como uma verdadeira preciosidade. Trata-se, mais uma vez, de um trabalho didático, resultante de um curso ministrado em ano anterior, que apresenta muita da matéria ligada ao caráter quantitativo da *locutio* latina, cujas regras, para mais fácil memorização, aparecem enunciadas sob a forma de verso, e em que o Autor expõe aos seus queridos estudantes (*auditores suavissimi*) as razões da importância que tem o conhecimento desta ciência para a análise de uma obra poética.

Em abril do ano seguinte, em 1516, Aires Barbosa publica, a pedido insistente dos próprios alunos, mais uma obra de caráter sobretudo filológico: o longo e erudito comentário à *História Apostólica* do cardeal Arator (*Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum commentariis*), poeta cristão dos sécs. V-VI que parafraseou em hexâmetros latinos os *Atos dos Apóstolos*. O comentário filológico de Aires Barbosa a este poema foi objeto de curso de 1513-1514 e representou de algum modo uma resposta prática aos velhos mestres salmantinos – sobretudo juristas e teólogos – que o acusavam de dedicar as suas aulas apenas a autores pagãos. Barbosa mostrou-lhes, com este curso, que as técnicas da filologia humanística se podem aplicar à análise literária de qualquer texto. Daqui resultou um grosso e compacto volume de amplo e variado trabalho filológico, que envolve o estudo de questões gramaticais, de história, de literatura, de arqueologia, de filosofia, e mesmo de jurisprudência e teologia, a ponto de os seus adversários, não contentes agora por ele se meter em seara sua, o atacarem de novo. Barbosa defende-se em epigramas que publica no final do volume.

Em dezembro de 1517, Aires Barbosa publica, de uma só vez, mais duas releções, uma sobre *Prosodia*, outra acerca de *Orthographia*, duas matérias de particular interesse para o estudo da pronúncia e da escrita das línguas clássicas: do Latim, naturalmente, mas também do Grego, na medida em que

o Autor faz, não raro, a aproximação dos dois idiomas e, sobretudo, pelo facto de, por falta de tipografia grega, transcrever em caracteres latinos as frequentes citações de textos gregos, denunciando assim a pronúncia da língua helénica naquela época.

Estes dois tratados didáticos constituem a última publicação em prosa de Aires Barbosa e, juntamente com os 36 epigramas que os acampanham, o fim da sua atividade editorial em Salamanca.

Mas se as *relectiones* de Aires Barbosa demonstram o carácter pedagógico e didático da sua produção em prosa, a mesma preocupação do humanista manifesta-se também em grande parte do resto da sua obra, isto é, em vasto número das mais de cem composições poéticas que ele deixou sob a forma de epigramas, quer dispersos, desde pelo menos 1495, por vários livros de amigos seus como António de Nebrija, Lúcio Marineo Sículo, Pedro Mártir de Anghiera, Pedro Margalho e Lourenço de Cáceres, quer sobretudo em duas coleções dadas à luz juntamente com outras obras. O primeiro destes conjuntos, em número de 36 poemas, saiu a lume, como dissemos, em Dezembro de 1517 no mesmo livro que inclui os tratados da *Prosódia* e da *Ortografia*. A segunda coleção, num total de 50 epigramas, surgiu dezanove anos mais tarde, em apêndice ao *Antimoria* – o seu poema de maior fôlego, escrito contra as ironias de Erasmo expostas no “Elogio da Loucura” (o *Encomium Moriae*) –, precisamente no ano da morte deste humanista flamengo, em 1536.

Este número considerável de composições poéticas oferece uma vasta gama de temas, uns de circunstância, outros que correspondem ao pensamento e preocupações dominantes do poeta.

Escolhemos para as considerações deste momento os cinquenta epigramas publicados com o poema *Antimória*, por eles reunirem a maior parte da melhor poesia do humanista escrita (em todos os casos ou pelo menos em grande número) e organizada em Aveiro. Ainda que seja impossível fazer uma classificação total e rigorosa de cada um, dada a natureza variada de muitos deles, podemos agrupá-los em quatro séries: composições laudatórias, poesias de reflexão pessoal e de autobiografia, versos de intervenção política e, sobretudo, epigramas satíricos.

Pertencem ao modo encomiástico e gratulatório os que exaltam as virtudes dos príncipes e protetores, a competência dos mestres e a qualidade dos literatos. Estão neste caso os Epigramas 1, 18 e 26, dedicados ao cardeal-infante D. Afonso, em que o Autor exalta o seu patrono e mecenas e lhe agradece a sua amizade demonstrada em horas de grande provação; o Epigrama 33, dedicado a D. Sancho de Castela, reitor da Universidade de Salamanca, e evocativo da viagem feita com ele à Itália, integrado na embaixada académica ao Papa

Adriano VI; os Epigramas 9 e 30 dedicados respetivamente ao estro poético de Mestre Gonçalo e à elegância literária da célebre humanista coimbrã Joana Vaz.

Entre as pessoas envolvidas nestes elogios destaca-se a figura do cardeal-infante D. Afonso, o mais velho de todos os irmãos de D. João III, dos quais fora mestre Aires Barbosa depois de jubilado pela Universidade de Salamanca, a partir de 1523 e até 1530 quando se recolheu definitivamente a Esgueira. Barbosa guardara variadas recordações desse tempo, em que exercera funções de mestre da corte, e do convívio com os infantes D. Afonso, D. Luís, D. Henrique e D. Duarte, assessorado pelo jovem humanista André de Resende. Mas o que mais o marcou foi a amizade do Cardeal-Infante, demonstrada em momentos difíceis por que passara o seu mestre, designadamente por ocasião de uma epidemia em que ele se sentiu doente e abandonado de todos, mesmo dos criados, mas não do seu antigo aluno purpurado. Aires Barbosa exprime a sua gratidão no seguinte epigrama com que abre e lhe dedica a referida coleção dos cinquenta epigramas de 1536:

AD D. ALFONSVM CARDINALEM INFANTEM

*Quae mihi misisti uenere in tempore dona,
nummorum ferret cum mea byrsa nihil.
Tristis erat cum ad se uenientem cerneret ipsam
confectam macie nostra Thalia famem.
Nec soluebat adhuc, arcam qui temperat Hector.
Rebus in angustis spes mihi solus eras.
Nec spes uana fuit. Cumulasti munera, princeps
inclite. Dona fere sunt duplicata mihi.
Expauit ieiuna fames centussis aceruos.
“Hic, saturum fugiens, non habitamus, ait.”
His alia adiungis. Famulis numeroque tuorum
cognatum ascribis mancipiumque meum.
Singula quid refero? Sunt infinita. Sed illud
aurea fert, princeps, nomen in astra tuum:
cum fureret metuenda lues in meque meosque,
in nostris oris, heu!, metuenda magis.
Quilibet euitat diri contagia morbi,
in se tabificum ne fluat inde malum.
Hinc miser, hinc hostis cunctis mortalibus, ut si
maiestas esset regia laesa mihi.
Tecta negabantur, deerant alimenta repulso
undique, fronde fuit sub Ioue tecta domus.
Tempore in hoc duro, quo tanquam publicus hostis
in solas terras ipse iubebar agi,*

*ausus es, oblitus trabeaeque rubrique galeri,
solari alloquiis muneribusque tuis;
desertum a cunctis miserabiliterque iacentem
tollere consilio, tollere meque manu;
me dominus famulum praesens constanter adire,
me, cum me famuli destituere mei.
Haec tua rara fides orbis celebrata fauore est,
plus tamen huic plaudunt alta theatra poli.
Pro tantis, igitur, meritis et talibus et tot,
dicere quas grates, quasue referre parem?
Succumbunt oneri uires, umerique recusant
tantarum laudum pondera ferre mei.*

AO CARDEAL-INFANTE D. AFONSO

Em boa hora chegaram as dádivas que vós me mandastes,
pois minha bolsa não trazia nem pinta de dinheiro.
Ficava triste a nossa Talia quando via a própria fome
a aberrar-se dela morrendo de magreza.

E Heitor, o tesoureiro-mor, há muito que não me pagava.

Nas horas de aperto, só vós éreis minha esperança.

E não foi esperança vã. Acumulastes as ofertas, ínclito
Príncipe. Tive dádivas quase a dobrar.

A fome jejuna ficou apavorada com os montões de cem asses.

E, fugindo da fartura, diz: “Aqui não é nossa morada.”

A estas, juntais outras mercês. Associais aos criados
e ao número dos vossos um mancebo da minha família.

Para quê referi-las a todas? Elas não têm fim. Mas aquilo que eleva,
meu Príncipe, o vosso nome até aos astros dourados é isto:

Quando contra mim e contra os meus se enfurecia a temível peste,
ela era nas nossas regiões, oh!, mais para temer.

Toda a gente evitava os contágios da funesta doença,

para que, daí, o mal deletério a si se não apegasse;

miserável por um lado, inimigo para todos os mortais por outro,
como se eu tivesse cometido algum crime de lesa-majestade régia,
repeliam-me por toda a parte. Negavam-me abrigo, faltavam-me
os alimentos, a casa era ao ar livre coberta de ramagem.

Neste tempo duro em que, como se eu fora um inimigo da Pátria,
me mandavam levar para terras solitárias,
ousastes, esquecido de vossa capa de púrpura e do chapéu vermelho,
consolar-me com vossas palavras e vossas ofertas;
quando eu estava abandonado de todos e jazia na miséria,
ousastes aliviar-me com vosso conselho, aliviar-me com vossa mão,
ousastes com frequência visitar-me como meu propício senhor,
a mim, o vosso criado, quando meus criados me haviam abandonado.

Esta vossa rara fidelidade é celebrada pela estima do orbe,
porém mais aplausos lhe dá a nobre assembleia do Céu.
Por tamanhos, tais e tantos méritos,
Que graças, pois, poderei eu dar ou retribuir?
Sucumbem ao fardo as forças, os meus ombros
Recusam suportar o encargo de tamanhos louvores.

Enquadram-se na poesia de carácter pessoal e autobiográfico o epigrama 2, escrito no momento da despedida de Salamanca; o Epigrama 23, de meditação pessoal, em que o Autor, ao ver o seu corpo a definir pelo sofrimento, prenunciador porventura da morte, se encoraja com a ideia da imortalidade da alma, em contraste com a caducidade do corpo, numa clara demonstração de influência neoplatónica; o Epigrama 38, em que Barbosa se exorta a si mesmo a superar as preocupações da vida, pela constância na luta; o Epigrama 4, acerca do nome de Jesus, que é a sua profissão de fé; o 6, sob a forma de epitáfio à sua esposa, que nos informa sobre a sua origem nobre e sobre o número de filhos do poeta; e o Epigrama 32, dedicado ao Príncipe D. Teodósio, em que o humanista aveirense se refere à sua própria cegueira prematura.

Entre todos os poemas autobiográficos, impõe-se o epigrama nº 2 pela sua feição profundamente lírica, que faz dele, a nosso ver, a melhor composição de Aires Barbosa neste género. Nele exprime o poeta os sentimentos de saudade que o dominam na hora da despedida da cidade de Salamanca e do seu Estudo Geral, a quem ele dera, durante perto de trinta anos de magistério, o melhor do seu esforço intelectual e donde parte agora, no ano da sua jubilação, de volta definitiva ao recolhimento da pátria:

AD VRBEM CELEBREM SALMANTICENSEM

*Dum stabant solidae puerili in corpore uires
et calidus iuueni dum sanguis erat,
non ego laedebar gelidis, Salmantica, uentis,
non niue, non glacie, non aquilone tuo.
Nec me terrebat conrescens frigore Tormis,
sub pede non udo qui mihi saepe fuit.
Nunc sanguis gelidus tepido meus orbe foueri,
externique petunt membra caloris opem.
Grus te, Nile, bibit tepidum, quo tempore nobis
frigore concretas urna propinat aquas.
Idem, cum Libye flagrantibus aestuat horis,
sidus in arctoum temperiemque uolat.
Et brumam fugitat per rura tepentia pastor
et ueniente nouo uere reducit oues.*

*Quid sibi conueniat, sibi quidue sit utile, cernit
mutum animal melius lanigerumque pecus.
Namque homo, sit quanquam compos rationis, adhaeret
aestibus in patriae frigoribusque suae.
Debit a mutis didicisse animalibus omne
esse solum patriam, sint ubicumque bona.
Propterea, mea blanda altrix Salmantica, quae me
iam rude donatum quolibet ire sinis,
cui dedimus nostrae melioris tempora uitae,
ad te dum per nos utraque lingua uenit,
frigora deuito quae non nocuere iuuentae,
longaeuo sunt nocitura seni.*

À FAMOSA CIDADE DE SALAMANCA

No tempo em que as forças vigoravam sólidas no meu corpo de rapaz e em que eu possuía o sangue feroso da minha juventude, não me atingiam, Salamanca, nem o gelo dos teus ventos, nem a neve ou a geada, nem o teu Aquilão.

Nem me aterrava o Tormes a congelar de frio e que eu muitas vezes calcorreava com desprezo a pé enxuto.

Agora, meu sangue regelado reclama que o aqueça uma região temperada, e meus membros a ajuda de um calor estrangeiro.

O grou bebe, ó Nilo, tuas águas tépidas no tempo em que a ânfora nos propina a água congelada pelo frio.

E o mesmo grou, quando a Líbia é um braseiro em sua estação escaldante, voa para o clima e a temperatura do Ártico.

O pastor procura escapar à invernia através dos tépidos campos e, com a vinda da nova primavera, traz de volta o seu rebanho.

Melhor distinguem o que a si convém ou lhes traz utilidade o mudo animal e a rês lanígera, pois que o homem, sendo embora dotado de razão, fica preso às ardências e friúras da sua pátria.

Deveria ele aprender, dos mudos animais, que a pátria é todo o chão onde quer que se encontre a felicidade.

Por isso, Salamanca, minha ama carinhosa que, agora jubilado, me deixas partir para onde eu quiser e a quem dedicámos o melhor tempo da nossa vida enquanto, por nosso intermédio, chegaram a ti as duas línguas, eis que fujo das friúras que não fizeram mal à juventude, mas que hão de fazê-lo a um velho de longa idade.

Todavia, a grande maioria dos epigramas do humanista é de conteúdo satírico. Trata-se por vezes de uma crítica de carácter pessoal, por exemplo

quando ataca ou se defende dos seus detratores (Epigramas 3, 11, 16 e 49); noutros casos é a crítica de costumes (Epigramas 7, 8 e 13, de sátira feminina), a denúncia dos vícios da vida académica (Epigrama 10, contra o suborno na eleição dos professores; Epigrama 25, contra a boémia estudantil) e da Corte (Epigrama 11), ou de aspetos da sociologia religiosa (Epigrama 17, de crítica aos judeus conversos).

A maior parte, porém, dos epigramas satíricos do Mestre Grego tem por objetivo a luta persistente por ele travada contra a barbárie ancestral e generalizada nos meios “culturais” do seu tempo, na sequência do mesmo esforço encetado por humanistas italianos como Lourenço Valla⁴, Ângelo Policiano⁵ e outros, e por espanhóis como António de Nebrija⁶.

Este combate humanístico registado na poesia de Barbosa abria-se em múltiplas frentes a revestia-se de vários aspetos: contra a preponderância dos juristas e canonistas, que depreciavam o estudo científico das línguas clássicas e cuja incultura e deturpação do próprio sentido das leis e da justiça Barbosa condenava (Epigramas 14, 15, 26, 27 e 48); contra os que desprezavam a função do “gramático” e contra a querela gramatical que se gerava em torno de matérias por vezes insignificantes (Epigramas 12, 28, 29 e 34); contra a ciência de lombada de certos pseudobibliófilos, contra a soberba dos autodidatas, a credence dos astrólogos e os inimigos de Cícero (Epigramas 19, 24, 37 e 48). E não faltam as lamentações, em tom por vezes jocoso mas incisivo, de como era mal remunerado o trabalho árduo dos literatos, em comparação com as facilidades económicas concedidas a gente semissábria como juristas, canonistas e médicos (vd. os dois Epigramas 20 e 31 dirigidos ao arcebispo de Compostela e o Epigrama 22 a Jorge de Miranda).

De todos os poemas de conteúdo antibarbárico, o mais significativo é a seguinte composição (Epigrama 5) dirigida à juventude de Salamanca, em que Barbosa define, em termos bélicos, o objetivo deste combate, identificando o inimigo e exortando os jovens à vitória final.

AD IUVENES STUDIOSES

*Barbariam geminis superavit Graecia lustris,
hic nec barbaries post duo lustra cadit.
At cur hoc, iuvenes? — Quia sunt ex hostibus ipsis*

⁴Vd. a sua *Epistola apologetica* a João Serra sobre o objetivo dos *Elegantiarum linguae latinae libri VI*. Cf. Lourenço Valla, *Opera omnia*, II, Turim, R. Sabbadini, 1962, p. 390.

⁵Veja-se sobretudo a sua preleção chamada *Lamia* (vd. *Angeli Politiani Opera*, Tom. III, Lião, 1537, pp. 3-28).

⁶Sobre a ação deste mestre salmantino contra o obscurantismo linguístico dos gramáticos medievais, vd. o trabalho de Francisco Rico, *Nebrija frente a los bárbaros. El canon de gramáticos nefastos en las polémicas del humanismo*. Salamanca, 1978.

*qui uestras classes, agmina quique regunt.
Non horum ingenium prosa est uel carmine cultum,
hi fari Latie dedecus esse putant.
Nam, si quis Latium uerbum tentauerit, illum
ut stolidum irrident grammaticumque uocant.
Iam monstri simile est hos inter Graeca sonare
ac mula feta mirius illud opus.
Praeterea auctores uarios percurrite: cedunt
non uni solum barbara castra duci.
Non uno uicit Troiam duce Graecia: multi
conuenere illuc egregiique duces.
Et tamen Atrides plures sibi Nestoras optat
conferri, ut citius Pergama uicta cadant.
Vnus enim (ut Graeci perhibent) quasi nullus habetur,
sit clarus, praestans, eximiusue licet.
Vndique collatis in robur uiribus unum,
quod plures tollunt, non leuat unus, onus.
Singula nulla queunt Histrum complere capacem
flumina: collectis undique crescit aquis.
Nec leuiter Graiam, iuuenes, cognoscite linguam.
Nam sine fontana riuulus aret aqua.
Te, Cicero, haec fertur sacris aluisse papillis,
ex hac mox tenero lac bibit ore Maro.
Sed quid ego refero magnae duo lumina Romae
quos fecit tantos Graecia sola uiros?
Quisquis in auctorum doctorum scribitur albo,
huius nutritus nectare, morte uacat.
Haec hominum, illa Dei. tituli fuit illa secunda
in cruce, prima Nouae Legis origo fuit.
Adde quod, ut quondam Nelides uincere Graios
exhortabatur non spoliare senex,
sic uos barbariae uictae decus ante uelitis.
Victa ipsa exuuias et spolia ampla dabit.
Nunquam doctus erit, studium sit an utile, quisquis
sollicitis audius computat articulis.
Hoc pacto, iuuenes, celeri uictoria cursu
ornabit uestras fronde uirente comas.
At nunc barbariam decimo nec uincitis anno,
bis decimo sic uos uincere posse nego.*

AOS JOVENS ESTUDANTES

A Grécia venceu a barbárie em dois lustros,
mas aqui nem depois de dois lustros ela cai.
E porquê, jovens? — Porque são dos próprios inimigos

aqueles que comandam vossas esquadras e vossos batalhões.

O seu engenho não cultiva nem a prosa nem o verso;
consideram que é uma desonra falar em latim.

Se alguém, de facto, tentar dizer uma palavra latina,
riem dele como de um louco e chamam-no gramático.

E então ouvir sons gregos no meio deles é como se fosse um fenómeno,
isso é obra de maior espanto que mula prenhe.

Além disso, percorrei os variados autores: os acampamentos
da barbárie não cedem perante apenas um capitão sozinho.

Não foi com um só capitão que a Grécia venceu Troia:
juntaram-se lá muitos e egrégios capitães.

E, todavia, o Atrida deseja que lhe tragam
mais Nestores, para que Pérgamo mais depressa caia vencida.

É que um só (no dizer dos Gregos) é como se não fosse nenhum,
mesmo que ele seja ilustre, eminente e exímio.

Um só, ainda que reúna toda a energia numa única força,
não ergue o peso que muitos levantam.

Nenhum dos vários afluentes consegue encher o caudal
do Istro: este cresce quando se juntam as águas de toda a parte.

Procurai, jovens, conhecer a fundo a língua grega,
pois sem a água da fonte fica seco o ribeiro.

Dizem que foi ela, ó Cícero, que te alimentou em seus peitos sagrados,
e Marão dela bebeu o leite logo desde tenra boca.

Mas porque refiro eu os dois luminares da magnífica Roma,
aos quais só a Grécia tornou tamanhos?

É que todo aquele que, nutrido pelo néctar desta língua,
se inscrever no álbum dos sábios autores, da morte se liberta.

Ela foi dos homens, ela foi de Deus, ela foi a segunda do título
de condenação na cruz: foi a primeira origem da Nova Lei.

Mais ainda: tal como outrora o velho Nelida
exortava os Gregos a vencerem e não a espoliarem,

assim vós desejai, acima de tudo, a honra de terem vencido a barbárie,
que ela, depois de vencida, dar-vos-á presas e amplos despojos.

Nunca será douto quem quer que, na sua avidez, faça contas
com seus dedos agitados a ver se o estudo lhe traz lucros.

Desta maneira, jovens, a vitória virá em passo veloz e ornará
a vossa cabeça com uma verdejante grinalda.

Mas se, agora, em dez anos a barbárie não venceis,
eu vos digo que também a não podeis vencer em duas vezes dez.

São de carácter político onze das poesias finais da presente coleção,
compostas a propósito da revolta das Comunidades de Castela, da guerra da
Espanha com a França, do avanço dos Turcos sobre o Ocidente europeu e das
rivalidades sangrentas entre os Estados cristãos da Europa.

Sobre o tema da revolta dos *comuneros* em Castela – que Aires Barbosa designa genericamente por *Democracia* – escreveu o nosso humanista os Epigramas 16 e de 39 a 44.

A sua atitude perante esta revolução democrática, que em Espanha se prolongou pelos anos de 1520 e 1521, nem sempre é muito clara. Sabe-se que este movimento, embora de iniciativa predominantemente popular, não se dirigia inicialmente contra a nobreza, mas visava apenas a política governativa de Carlos V, que impôs à Espanha um governo de figuras estrangeiras chefiado pelo flamengo Adriano de Utrech; onerou os impostos públicos e, com a sua ausência prolongada, deixava o país na dependência da política geral do Império⁷. De resto, havia mesmo várias figuras nobres de militares e civis e de literatos⁸ empenhados nesta rebelião; e os próprios clérigos estiveram na sua origem em algumas cidades⁹.

A partir, porém, da altura em que o movimento de reivindicações se foi transformando e adquirindo um carácter verdadeiramente revolucionário – que pretendia a participação do poder e fazia, inclusivamente, depender a autoridade régia do poder do Reino, isto é, do povo –, desde então, os nobres começaram a pressentir o perigo que os seus próprios interesses corriam e desligaram-se da revolução. O exército real reorganizou-se, e a revolta das Comunidades acabou por ser dominada na batalha de Villalar em 23 de Abril de 1521.

Aires Barbosa parece acompanhar nos seus poemas esta evolução política.

De facto, no Epigrama 39, escrito em 1520, o humanista exalta a “Democracia”, considerando-a um acontecimento que a posteridade recordará com prazer e comparando-a com os movimentos de emancipação dos povos peninsulares contra o jugo romano da história passada. No Epigrama 40, Barbosa evoca a aliança das cidades de Castela firmada num juramento coletivo, provavelmente aquela donde resultou a chamada *Santa Junta* instituída em Ávila em 1 de agosto de 1520; enumera algumas das principais cidades que aderiram à conjuração e – se bem interpretamos – parece apontar como causa fundamental deste movimento revolucionário o facto de Carlos V, rei de Castela e Aragão desde 1517, ter abandonado o país pouco depois da sua chegada à Espanha, por ter sido, entretanto, nomeado imperador do

⁷ Vd. o estudo desenvolvido de Joseph Pérez, *La révolution des “Comunidades” de Castille (1520-1521)*, Institut d’Études Ibériques et Ibéro-Américaines de l’Université de Bordeaux, 1970.

⁸ Sobre a adesão, por exemplo, da Universidade de Alcalá e dos seus professores Florián de Ocampo e Hernán Núñez – o célebre humanista Comendador Grego – à revolta de Toledo, vd. Joseph Pérez, op. cit. pp. 332 sqq.

⁹ É o caso de um grupo de padres franciscanos de Salamanca, que em Fevereiro de 1520 elaborou um plano de reivindicações às Cortes anunciadas por Carlos V, que veio depois a constituir o programa da revolução das Comunidades. Vd. *idem*, *ibid.*, pp. 148 sqq.

Sacro Império Romano-Germânico¹⁰. O humanista condena esta atitude de Carlos V e refere-se-lhe numa linguagem metafórica – o rei era a cabeça de um corpo invicto, que, arrancada dos seus membros, o deixou, segundo dizem, abandonado –, linguagem que termina com palavras de particular violência: “Creio que tal cabeça – diz o poeta – andaria melhor na sola dos pés” (Cf. Epigrama 40, v. 17). Barbosa parece estar, neste momento, ainda do lado da revolução.

Porém, onde as suas ideias sócio-políticas se mostram bem demarcadas é no Epigrama 42, em que ele faz uma exortação e ao mesmo tempo uma advertência à “Democracia”. O humanista condena o movimento revolucionário por este não aceitar as iniciativas e condições de paz propostas pelo imperador e pelos nobres, nas vésperas da batalha decisiva de Villalar, que havia de trazer a derrota dos *comuneros* e o fim da guerra das Comunidades. Barbosa chama a atenção dos revoltosos para a disparidade de forças entre eles e o poder real, que fatalmente os esmagará; exorta-os a não desperdiçarem esta ocasião de paz, e adverte-os da ruína que os espera. O humanista termina com palavras de uma dureza que denuncia a sua radical mentalidade aristocrática. Para ele, o governo do país pertence aos nobres, o “vil trabalho” pertence à “vil ralé”.

Podemos dizer que Aires Barbosa, neste processo político da revolução *comunera*, se manteve sempre do lado da aristocracia: apoiou-a na primeira fase da luta quando nesta participava a nobreza, que se sentia lesada pelas medidas políticas de Carlos V, o qual, ao impor aos castelhanos um governo estrangeiro integrado por elementos da sua comitiva flamenga, feriu o orgulho das tradições nobiliárquicas de Espanha; na segunda fase, o Mestre Grego virou-se contra os revoltosos para novamente defender os nobres, que, ao verem perigar os seus próprios interesses materiais e de classe perante os projetos profundamente revolucionários que a guerra passou a alimentar, decidiram dar o seu apoio definitivo a Carlos V.

Os Epigramas 43 e 44, dirigidos ao alcaide da fortaleza de Alaéjos, António de Fonseca, têm particular interesse por apresentarem a faceta moderada de Aires Barbosa. Por um lado, na primeira dessas composições, o Autor exalta a bravura do alcaide, que se mostrou um valoroso capitão na defesa daquele castelo quando os *comuneros* o submeteram a um prolongado cerco, como represália do incêndio de Medina del Campo, de 21 de agosto de 1520, ateadado pelas tropas reais sob o comando de António de Fonseca – incêndio que havia provocado um protesto geral em toda a Espanha, incluindo

¹⁰ Carlos V, que se encontrava em Espanha desde Outubro de 1517, foi eleito imperador em 28 de Junho de 1519 em Frankfurt e partiu para a Alemanha em 20 de Maio de 1520 a fim de receber a coroação imperial.

os nobres e a população favorável a Carlos V.¹¹

Por outro lado, o humanista condena, no segundo destes epigramas, a perseguição e mortandade a que o mesmo alcaide, levado pelo desejo de glória, sujeitou os inimigos seus compatriotas, durante uma cilada preparada no interior do próprio castelo.

O segundo aspeto da intervenção política da poesia de Aires Barbosa tem a ver com o conflito militar surgido entre a Espanha e a França em 1521 a propósito dos interesses políticos de uma e outra sobre o reino de Navarra.

Barbosa dedica a este tema os Epigramas 45, 46 e 47, nos quais o poeta, mais do que um íncola passageiro em terras castelhanas, se mostra um verdadeiro patriota a encarar como qualquer espanhol nativo a sua arreigada francofobia.

No Epigrama 45, o Autor faz um apelo às armas e exorta toda a Espanha a acabar com as guerras fratricidas das revoluções internas e a congregar-se num esforço unitário de defesa nacional contra a invasão francesa no reino de Navarra. O Epigrama 46 evoca a recuperação da fortaleza de Fuenterrabía em 1524, e o epigrama 47 celebra a vitória da nobreza espanhola em Logronho na retomada desta cidade em 1521 por ocasião da contraofensiva das tropas de Carlos V frente à invasão de Francisco I em Navarra, depois de dominada já a guerra dos *comuneros* em Castela.

O quinquagésimo e último epigrama desta coleção de Aires Barbosa é uma crítica aos máximos responsáveis políticos e religiosos da Cristandade europeia, que se digladiavam em lutas fratricidas permanentes e davam com isso ocasião aos Turcos de avançarem sobre os Estados cristãos. São evocadas neste epigrama a tomada de Rodes em 1522 e a da Hungria em 1526 pelo sultão Solimão II. Barbosa termina com uma referência amarga ao escândalo que constituiu o tristemente célebre Saque de Roma, resultante das hostilidades entre Francisco I de França e Carlos V e levado a cabo em 1527 pelas “cristianíssimas” tropas do Imperador, e a cujos massacres e vandalismo nem o Papa escapou.

A análise deste meio cento de epigramas latinos do Mestre Grego – que o foi de ambas as línguas – mostra que ele não era apenas um técnico do ensino, mas tinha franca propensão para a arte literária e dominava em particular este género de poesia.

É certo que boa parte destas composições, sob o ponto de vista estético, talvez digam pouco à nossa sensibilidade artística moderna. Mas isso acontece em relação à maior parte dos escritores neolatinos, e não se deve apenas a limitações objetivas da sua produção literária, mas também, e talvez em primeiro lugar, à incapacidade da crítica moderna.

¹¹ Vd. Joseph Pérez, op. cit., pp. 178-181.

Por um lado, os padrões artísticos e literários da época do Renascimento não eram os mesmos de hoje; por outro, naquela época cultivava-se e apreciava-se de uma maneira particular o valor estético da própria língua latina, independentemente do conteúdo artístico da mensagem. Ora, esse valor é hoje cada vez mais impossível de captar em razão do limitado conhecimento daquele idioma, que serviu de veículo ao vastíssimo campo da literatura neolatina portuguesa, depositária e transmissora de uma parte importantíssima da nossa cultura nacional.

Aires Barbosa tem muitos poemas de real conteúdo estético, apesar de alguns deles se imporem principalmente pela sua beleza formal. Repete os mesmos hábitos frequentes entre os poetas do Renascimento, tais como a imitação, muitas vezes quase servil, dos modelos antigos e o recurso constante à mitologia e a outros *topoi* da literatura clássica.

Assim mesmo, ainda é nos epigramas e em outras pequenas composições de circunstância dispersas por obras suas e de amigos, que encontramos a melhor poesia de Aires Barbosa, sobretudo quando as comparamos com certos poemas didáticos que integram as releções da *Epometria*, da *Prosodia* e da *Orthographia* e com a própria *Antimoria*, que se prendem a um estilo necessariamente mais prosaico.

Finalmente, o professor e filólogo – o Mestre Grego – Aires Barbosa mostra em muitos destes epigramas que a expressão das suas preocupações pedagógicas e didáticas não se limitava ao trabalho letivo e às releções dele resultantes, mas passava também por grande parte da sua excelente produção poética, que faz dele sem dúvida o primeiro dos grandes humanistas portugueses.